



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ENSINO DE GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DE (RE) PENSAR OS PLANOS DE AULA EM MEIO AS DEFICIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM PRESENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Vandygna Emiliana Chaves da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: vandygnaemilianarcc_@hotmail.com

Jose Ismael da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
ismael_swusilva@hotmail.com

Robson Renato Sales do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: robinhopdf@hotmail.com

Josefa Eliane de Aquino

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: eliane.aquino29@yahoo.com.br

Orientadora: Prof^ª. Ma. Francisca Elizonete de Souza Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Resumo: O ensino de geografia nas escolas públicas brasileiras ainda é permeado por deficiências, que até os dias atuais tem prejudicado a evolução da geografia escolar nas instituições de ensino. Embora que isso venha a ser consequências de estruturas ou até mesmo de formação ineficientes de professores. O que vemos hoje é uma sociedade carente de saberes básicos, como localização e análise crítica do meio social, elementos que são trabalhados na disciplina de Geografia. Diante disso, esse trabalho vem abordar os principais desafios que essa disciplina enfrenta na comunidade escolar e ressaltar as consequências que isso tem proporcionado. Assim como também, falar da ação de planejar e a necessidade de (re) pensar os planos de aula em meio as realidades e seus fatores de influência, uma vez que planejar não é uma ação pronta e acabada, mas sim um processo mutável, flexível diante da dinâmica da sala de aula e da fragilidade dos instrumentos que servem de recursos metodológicos para os profissionais docentes. Servirão de referências para nossas reflexões autores como Callai (2005), Cavalcanti (1996), Vesentini (2006), dentre outros. Foi possível perceber que detectar o problema é o primeiro passo, depois adequar planejamento e planos de aula a realidade sempre que essa requer as reformulações necessárias, são os caminhos adequados. O que não se pode esquecer é que a educação é composta por um coletivo, aonde a participação de todas as instancias responsáveis são fundamentais.

Palavras chaves: formação, ensino de Geografia, planejamento.

INTRODUÇÃO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A educação escolar se encontra dentro do contexto atual numa dinâmica heterogênea, marcada pela pluralidade cultural e socioeconômica. Nesse sentido, o ensino de Geografia também se encontra nesta dinâmica, onde é preciso definir o objetivo da geografia escolar e que tipo de cidadão queremos construir a partir do ensino desta.

Ao professor cabe dominar os conteúdos consagrados das disciplinas e as múltiplas informações que o processo de globalização proporciona ao ambiente escolar, e na maioria das vezes é tido como o responsável pelas falhas do sistema educacional, sendo que a função do professor dentro da comunidade escolar é escolarizar seus alunos.

Para que a escolarização aconteça de forma qualitativa o profissional docente necessita conhecer a realidade da sala de aula, sua dinâmica, suas particularidades, e principalmente suas principais dificuldades para, a partir disso, montar seus objetivos e traçar as trilhas as quais vai enveredar dentro do ensino. No tocante ao ensino de geografia ao qual vamos ter como referência nesse texto os desafios são maiores. Quando os alunos sabem ler e escrever que não é uma realidade generalizada do ensino fundamental, não sabem os elementos primários que deveriam ter aprendido nas séries iniciais para desenvolver uma linguagem geográfica. Ou seja, uma das grandes dificuldades vivenciadas no Ensino Fundamental maior é justamente o analfabetismo geográfico que acompanha nossos educandos.

Esse processo tem início quando a criança consegue relacionar as representações cartográficas com a sua realidade. Porém, a alfabetização cartográfica nas escolas é uma prática de ensino que precisa passar por algumas reformulações, pois vem sendo praticada através de uma geografia tradicional. Callai (2005) critica quando a escola tenta explicar o espaço a partir do “Eu”. Sendo o espaço um objeto de estudos tão complexo, essa prática tornasse um problema, quando deveria ser uma solução. A autora ainda se remete a postura teórica que dá a referência, a forma de encaminhamento, diante da questão que considera o espaço fragmentado e circular,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

quando nenhum elemento se desprende de outro. O principal desafio é compreender o eu no mundo, analisando a sua complexidade.

Sendo assim o principal objetivo deste texto é refletir sobre a importância de (re) pensar as práticas de ensino a partir do planejamento e os planos de aulas quando nos encontramos com as situações problemas e dinâmicas da sala de aula, a fim de que a educação geográfica possa ter resultados mais significativos e possa superar esse déficit de aprendizagem tão expressivo na educação básica. Nos servirão de referências, Callai (2005), Silva (2014), Solano (2014), Cavalcanti (1998) dentre outros.

Para alcançarmos os objetivos nos aportamos de leitura bibliográfica de autores acima citados, e das experiências no estágio supervisionado em geografia, como também as atividades no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que nos permitiu perceber que a escola faz parte de um planejamento, e que planeja de acordo com sua realidade e suas limitações, mais que dentro dessa instância ainda cabe ao professor pensar e rearticular suas práticas, afim de superar as deficiências presentes dentro do ensino e desenvolver sua proposta pedagógica.

OS DÉFICIT PRESENTES NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS E OS DESAFIOS A SEREM SUPERADOS

A partir das matérias estudadas e seus conceitos o ensino busca o desenvolvimento das aptidões dos alunos, sendo assim é fundamental os domínios dos conceitos próprios da disciplina como também de sua linguagem própria. É importante destacar que a ciência geográfica trabalha com conceitos que não são exclusivos dela, por isso necessita considerar seus diferentes significados e as formulações científicas para a construção dos conteúdos da Geografia escolar. Como afirma Cavalcanti:

[...], a geografia precisa considerar seus diferentes significados, do mesmo modo que a análise das representações dos alunos e professores dos conceitos geográficos escolhidos deve ser enriquecida pelo estudo desses conceitos nas suas formulações científicas. A final, essas formulações científicas são referências básica para a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estruturação dos conteúdos da geografia ensinado na escola.
(CAVALCANTI, 1998, p.88)

Nessa perspectiva acreditamos que “o importante é poder trabalhar, no momento da alfabetização, com a capacidade de ler o espaço, como o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de ler os significados que elas expressam”. (CAVALCANTE 1998, P.234) A aula precisa acontecer a partir da realidade dos alunos. A leitura do espaço desenvolve nas crianças a capacidade de conseguir ler a palavra, através da leitura do mundo. Sendo assim, quando a realidade do aluno é trabalhada o docente pode explorar os conceitos que são próprios da ciência geográfica. Por isso, é necessário reconhecer o sentido da presença da geografia nas séries iniciais.

O espaço geográfico é um espaço produzido, cheio de agregados históricos. A criança tem uma melhor capacidade de entender sua colocação neste meio, se for ensinado a fazer uma leitura crítica e reflexiva em relação ao seu lugar, conseguido acompanhar a lógica das coisas dentro da escala cronológica, e acima de tudo, interpretando o que é geografia, por meio de sua vivência.

Infelizmente o ensino nas séries iniciais é muito deficiente em nosso país, sofrendo historicamente com o descaso por parte do Estado, principalmente em relação à geografia. Nesse estágio da formação, os alunos são comumente apresentados a conteúdos (decóreas) tendo que aprender, por exemplo, quais são os estados e capitais do Brasil, sem que se façam estudos mais aprofundados sobre as suas realidades. Sendo assim, passa despercebido o ensino da cartografia, que deveria ser o marco inicial no ensino da geografia escolar. O resultado disso pode ser observado no fato de que os alunos chegam à universidade sem saberem se localizar e sem a mínima noção de espaço, só tendo contato com a cartografia quando fazem graduação em Geografia.

Dessa forma, os alunos passam a enfrentar dificuldades simples, tais como a noção de escala, a dimensão de uma representação do espaço. Esses alunos que não passam por uma educação geográfica no ensino fundamental ficam, na sua maioria, analfabetos cartograficamente falando. Neste sentido é importante frisar que ser



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

cartograficamente alfabetizado torna o indivíduo instrumentalizado na leitura e análise do espaço geográfico.

A deficiência dessa leitura do mundo, nada mais é do que a ausência de um ensino de qualidade referente às práticas cartográficas nas séries iniciais. Rever o ensino de geografia praticado na atualidade precisa ser uma missão da educação brasileira, pois só assim, a Geografia ensinada nas escolas poderá alcançar os seus reais objetivos, ensinando as pessoas a lerem o mundo e interpretarem o espaço geográfico.

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo. (CALLAI, 2005, p.231)

Sendo assim é possível transformar a realidade que ainda desmotiva tantos profissionais da educação, para romper com o tradicionalismo e o conhecimento pronto apresentados aos alunos. O planejamento das ações pedagógicas aponta caminhos para mudanças significativas no ensino, não trata-se mais de mostrar uma informação aos alunos, mas de traçar meios de inseri-los na construção dessa informação/formação. É preciso se equipar baseando na realidade observada e buscar caminhos para soluções a curto e longo prazo, uma vez que a sociedade tem exigido cada vez mais professores qualificados, capazes de educar, escolarizar, formar, profissionalizar os alunos.

A AÇÃO DE PLANEJAR

O planejamento é um processo inacabado sempre flexível a transformações e adaptações, “consistindo no ato de pensar e prever a ação pedagógica de modo coletivo. É o momento em que a escola repensa o desempenho das suas atividades didáticas e suas estratégias para a formação dos sujeitos” (SILVA & SOLANO, 2014, p. 87). Trata-se de uma ação conjunta que envolve toda a comunidade escolar juntamente com a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

família e os arredores da escola, aonde o desempenho é um dos alvos principais em consonância com a formação ética e cidadã dos envolvidos no processo.

O planejamento não pode ser visto como mera atividade burocrática, mesmo que esta seja a realidade enfrentada em parte das escolas. A comunidade escolar deve desenvolver seu processo de planejamento pensando a realidade concreta, compreendendo-o como uma ferramenta que pode contribuir para um melhor desempenho das atividades existentes na escola. Contudo, deve-se evitar qualquer perspectiva que tenha o planejamento como solução de todos os problemas educacionais e escolares, pois este é apenas parte ainda que muito significativa de um conjunto de iniciativas necessárias ao atendimento das demandas educacionais atuais que, em grande parte, tem como eixo central a busca pela qualidade na educação. (SILVA & SOLANO, 2014, p.88)

Sabe-se que as vezes a ação de planejar é vista como chata e não muito importante o que não é verdade, e que as vezes é feita pela equipe pedagógica das escolas que não conhecem a realidade da sala de aula, quando o professor é quem mais conhece essa realidade acaba ficando apenas responsável por executar o planejamento em seus planos de aulas.

O planejamento também não resolve tudo, porque o ambiente escolar é heterogêneo possível de mutações e transformações, mais deve-se atentar em prever determinados problemas e evita-los, tais como o elevado índice de falta de leitura e escrita dos alunos no ensino fundamental, realidade fortemente presentes nas salas de 6º ano de nossas escolas. Os responsáveis pela escolarização desses alunos deveriam ter previsto isso nas séries iniciais e tentado ameniza-lo, mas como o ensino/aprendizagem é um processo, é preciso repensar nas possibilidades que temos e nos desafios, buscando superar as fragilidades deste processo que advém desde o período de alfabetização.

Quando se planeja, o principal objetivo é melhorar a qualidade da educação, mais isso precisa ser feito dentro da realidade da sala de aula, onde se encontra as deficiências, os desafios e problemática do ensino. É comum os professores aplicar seus planos de aulas já prontos em realidade diferentes, isso não traz avanços significativos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

por que o docente deve-se atentar que o ensino é um processo e as metodologias são caminhos para que esse processo aconteça de forma instigante e de qualidade, não apenas aconteça sem frutos positivos ou resultados satisfatórios.

A revisão das metodologias é necessária dentro dos planos de aulas, o que as vezes parece gerar resultados não oferece significados e não se pode investir no que não é um fator contribuinte. O planejamento não deve buscar somente o desempenho dos alunos, mas também, das práticas docentes. Neste interim, de acordo com o autor Vesentine (2006) “[...], educar para a liberdade não é apenas educar os outros, mas também a si mesmo, de forma permanente, aprendendo ao mesmo tempo que se ensina ou melhor, que se leve os alunos a aprender”. (p.25).

A Geografia nos níveis fundamentais e na mentalidade de seus estudantes não passa de uma disciplina decorativa, o que se torna chata. Sendo enfadonha não chama a atenção dos alunos. O professor precisa fazer uso de metodologias capazes de envolver os indivíduos e provocar aprendizagem. Os planos de aulas entram nesse processo como articuladores do processo de ensino-aprendizagem.

A Ação de planejar é uma atividade que deve fazer parte da rotina de todo profissional docente. É um trabalho que exige leitura do conteúdo, reflexão e escolha da melhor forma de aborda-lo na sala de aula, associando as informações à realidade do aluno e propondo os objetivos de compreensão do mesmo. Nesse sentido, o planejamento é um processo complexo que deve conter diversos aspectos que envolvem o desenvolvimento explicativo do conteúdo em sala de aula. (GOMES Et al, 2014, p.78)

Por mais desestruturada que seja algumas escolas a tecnologia já invadiu seu espaço, e os professores que antes tinham como suporte apenas o quadro e o giz, agora têm que aprender a lidar com essas novas ferramentas que são fortes recursos para a educação. Em muitos casos o Estado tem negado formação/capacitação para esses profissionais se adaptarem as novas realidades e as novas exigências, o que fragiliza o processo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O que não pode se ausentar de forma alguma é a ação de planejar, uma vez que a partir dos conteúdos que compõem as bases curriculares da geografia, a forma de ensiná-los é o que desafia os profissionais da docência, porque a realidade e a multiplicidades de fatores que envolvem a sala de aula devem ser considerados. Não se pode planejar uma metodologia que não tem condições de se desenvolver, e essas condições as vezes são mutáveis.

A sala de aula é um ambiente complexo, imprevisível e, por isso, o profissional docente, deve estar teoricamente munido de saberes que o proporcione alcançar as possibilidades de entendimentos das influências do meio em que se vive; dos interesses diversos e dos encontros constantes no processo de aprendizagem em que o docente experimenta, o significado do ato de planejar em sua essência a fim de atingir o êxito pretendido, o objetivo pedagógico estabelecido, a relevância de se planejar. (GOMES, Et al, 2014, p. 79)

O que não pode mudar em um plano são os objetivos, mas os caminhos para que esses objetivos se realizem é que carecem de reformulações dentro do cotidiano. O professor precisa saber fazer diante das situações imprevista dentro da sala de aula, assim como também com relação as respostas que os alunos apresentam. As formas de ensinar, as metodologias não precisam ser planejadas e darem por acabadas, à medida que os procedimentos vão sendo aplicados e as novas circunstâncias vão surgindo, as adaptações se fazem necessárias.

A sala de aula por ser dinâmica exige do profissional um planejamento flexível das atividades para que o mesmo não seja surpreendido pelas adversidades de última hora, pois existe uma grande diferença entre a elaboração do plano e a sua execução. É na execução do plano que o profissional pode identificar suas fragilidades e corrigi-las para atingir os objetivos propostos. (GOMES, Et al, 2014, p.80)

Ao se planejar o professor precisa saber que é necessário abrir espaço para a flexibilidade, para as mudanças necessárias, que as condições ambientais e até mesmo os instrumentos podem abrir caminhos para outras trilhas. O sentimento de fracasso



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

nasce muitas vezes quando o professor planeja e não consegue executar seu plano de aula, mas os erros agregam saberes, o fato de não executar um determinado planejamento não é o fracasso, esse é consequência de não saber lidar com a situação que não estava prevista pelo sujeito autor do plano. Quando há dependências sempre existe um risco de ineficiência, as vezes o professor depende das tecnologias que não funcionam no momento adequando, e as vezes depende da cooperação dos alunos que não colaboram. Tudo é um processo, se um não participa a continuação não acontece como o previsto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo podemos enfatizar que as realidades da educação brasileira as vezes desanimadoras, compostas por desafios e dilemas tem levado muitos alunos, professores e principalmente o Estado a desviarem do problema, mas essa não é nossa intenção, pelo contrário. Diante das questões elencadas no texto propomos e concluímos que é possível mudar os rumos do ensino de Geografia nas escolas que tem deixado grandes lacunas na formação dos alunos.

Identificar os problemas é o primeiro passo, isso já se sabe. Depois disso cabe aos educadores traçar os objetivos que a geografia escolar tem para o ensino e coletivamente entre Estado, instituições, profissionais da educação, família e sociedade planejar as trilhas para alcançar as mudanças tão requeridas na atualidade. O que sabemos que muitas vezes não acontece. No entanto, apesar das fortes necessidades de mais investimentos na educação alguns passos já foram dados como a fomentação oferecida aos programas de iniciação docente, aqui citamos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID.

REFERÊNCIAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Sedes**, Campinas, vol. 25, nº 66, p. 227-247, maio. 2005.

CAVALCANTE, L. S. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: _____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. São Paulo: Papirus, 1998. P. 87-136.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p.14-33.

GOMES, Amanda Aparecida da Silva Fontes, Et al. O planejamento da ação docente: relatos de experiências dos pibidianos de geografia. In: CARVALHO, Ana Maria, Et al (org). **Veredas da Formação Docente**. Mossoró: Edições UERN, 2014. p. 75-84.

SILVA, Maria do Socorro da Batista, SOLANO, Dhuany Nogueira de Souza. O planejamento no cotidiano da prática pedagógica: reflexões acerca da sua contribuição para a formação docente. In: CARVALHO, Ana Maria, Et al (org). **Veredas da Formação Docente**. Mossoró: Edições UERN, 2014. p. 75-84.